

**A EDUCAÇÃO DE IDOSOS
NA VEJA E NA FOLHA DE
SÃO PAULO: dados para uma
análise crítica**

EDUCATION OF THE ELDERLY IN VEJA E
FOLHA DE SÃO PAULO: data for a critical
analysis

EDUCACIÓN DE PERSONAS MAYORES
EN VER Y HOJA: datos para un análisis

Patrícia Mattos Amato Rodrigues¹

Simone Caldas Tavares Mafra²

Eveline Torres Pereira^{3,4}

RESUMO

As temáticas do envelhecimento e da educação se apresentam de forma rotineira nos textos jornalísticos. A partir desta constatação, esta pesquisa teve como objetivo investigar a educação de idosos enquanto notícia na revista Veja e no jornal Folha de São Paulo, pois se acredita no poder desses veículos de mídia na construção dos valores e necessidades da sociedade brasileira. Trata-se de pesquisa descritiva, tendo a coleta dos dados suporte bibliográfico e documental.

¹ Universidade Federal de Viçosa/ Fundação Presidente Antônio Carlos. Doutora. Professora do curso de graduação em Direito da Fundação Presidente Antônio Carlos de Ubá/MG. Graduada em Direito pela Universidade Federal de Juiz de Fora, com mestrado e doutorado desenvolvidos junto ao Departamento de Economia Doméstica da UFV. E-mail: patyamato@yahoo.com.br.

² Universidade Federal de Viçosa. Doutora. Professora titular e orientadora junto ao programa de pós-graduação em Economia Doméstica da Universidade Federal de Viçosa. É pesquisadora e coordenadora do Grupo de Pesquisa ERGOPLAN e do Grupo Risco Social e Envelhecimento. E-mail: mafra@uv.br.

³ Universidade Federal de Viçosa. Doutora. Professora Associada do Departamento de Educação Física da Universidade Federal de Viçosa. Coordena o PROAFA que engloba projetos interdisciplinares de extensão voltados a pessoas com deficiência e/ou transtorno mental. E-mail: eveline@uv.br.

⁴ Endereço de contato das autoras (por correspondência): Endereço: Rua Lincoln Rodrigues Costa nº 165. Bairro Boa Vista. Ubá/MG, Cep: 36.501-010.

Os resultados apontaram para uma escassez de matérias e o silêncio dos periódicos de maior circulação no país acerca do crescimento da demanda de educação formal e informal pelos idosos brasileiros, o que sinaliza a manutenção de rótulos e a resistência ou indiferença à necessidade política, econômica e social de se ressignificar a velhice.

PALAVRAS-CHAVE: Envelhecimento. Educação. Revista Veja. Folha de São Paulo.

ABSTRACT

The themes of aging and education are routinely presented in journalistic texts. From this finding, this research aimed to investigate the education of the elderly as news in the magazine *Veja* and in the newspaper *Folha de São Paulo*, because it is believed in the power of these media vehicles in the construction of the values and needs of Brazilian society. The results point to a shortage of materials and the silence of the most popular newspapers in the country about the growth of the demand for formal and informal education by the Brazilian elderly, signaling the maintenance of labels and the resistance or indifference to the political, economic and social need of resignify to old age.

KEYWORDS: Aging. Education. *Veja* magazine. Newspaper.

RESUMEN

Los temas del envejecimiento y la educación se presentan habitualmente en textos periodísticos. A partir de este hallazgo, esta investigación tuvo como objetivo investigar la educación de los ancianos como noticia en la revista *Veja* y en el periódico *Folha de São Paulo*, porque se cree en el poder de estos medios de comunicación en la construcción de valores y necesidades de la sociedad brasileña. Es una investigación descriptiva, que cuenta con la recopilación de datos de soporte bibliográfico y documental. Los resultados señalaron una escasez de artículos y el silencio de las publicaciones periódicas más populares en el país sobre la creciente demanda de educación formal e informal por parte de los ancianos, lo que indica el mantenimiento de etiquetas y la resistencia o



revista
Observatório

ISSN nº 2447-4266

Vol. 5, n. 6, Outubro-Dezembro. 2019

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2019v5n6p473>

indiferencia a las necesidades políticas, económicas y sociales. para redefinir la vejez.

PALABRAS CLAVE: Envejecimiento. Educación. Revista Veja. Folha de Sao Paulo.

Recebido em: 01.06.2019. Aceito em: 09.09.2019. Publicado em: 01.10.2019.

INTRODUÇÃO

O envelhecimento da população brasileira tem sido pauta recorrente de matérias divulgadas por diferentes veículos de mídia. De igual forma, a temática da educação também se apresenta de forma rotineira nos textos jornalísticos. Apesar de a mídia tratar do envelhecimento e da educação, não se vê a abordagem dessa relação.

Diante de uma sociedade que vivencia um processo rápido de envelhecimento e que não se preparou para as demandas decorrentes do envelhecer, necessário se faz refletir acerca das demandas dos sujeitos envelhecidos e da sociedade em que estão inseridos.

Considerando a educação um direito fundamental de todos e, sendo ela importante instrumento de cidadania e inclusão social, busca-se investigar e discutir seu acesso pelos idosos brasileiros. É verdade que o termo educação é amplo e pode ser investigado e discutido sob enfoques diversos, razão pela qual se mostra indispensável apresentar o recorte escolhido para o desenvolvimento deste estudo.

O desafio a que este trabalho se propõe consiste em conjugar as duas temáticas "envelhecimento" e "educação", mas, ainda assim, necessário se faz delimitar a abordagem que, em termos gerais, continua possibilitando enfoques variados.

De fato, pesquisadores como Carvalho, Assunção e Bocchil (2010), Ermel e Fracolli (2006) e Lima e Tocantins (2009) desenvolveram estudos centrados na capacitação de profissionais para lidar com os desafios e demandas do envelhecer. Com isso, abre-se discussão de práticas pedagógicas direcionadas à melhor compreensão das demandas, sobretudo de ordens médica e terapêutica, das pessoas idosas.

Outros pesquisadores, como Bizelli (2009), Kachar (2009) e Silveira (2010), apresentaram o idoso enquanto sujeito do processo educacional. Nesse viés, o maior número de trabalhos discute a capacidade cognitiva dos idosos e o domínio das tecnologias de informação.

No que se refere à educação formal de pessoas idosas, alguns trabalhos discutem a alfabetização e programas governamentais como o EJA⁵. Contudo, raros são os estudos que procuram juntar as temáticas “envelhecimento” e “educação”, discutindo a pessoa idosa como detentor do direito à educação.

Ainda que o Brasil tenha 11,5 milhões de analfabetos e que a maior parte desse contingente seja composta por idosos⁶, parece incoerente não se investigar o acesso do idoso à educação e sua permanência nela – sobretudo quando a sociedade brasileira, por imperativos de ordem econômica e fiscal, se vê diante da necessidade de postergar aposentadorias e fomentar a reinserção de aposentados no mercado de trabalho.

Outro argumento que justifica a importância do recorte reside no fato de que uma parcela dos cidadãos que estão envelhecendo faz parte de uma geração caracterizada pelo maior grau de escolarização e luta pela efetivação de direitos sociais.

De fato, este estudo trata de pequena parcela dos idosos brasileiros que ou se escolarizaram na infância e juventude e querem dar continuidade à educação formal ou que não tiveram acesso a ela, mas agora demandam esse direito fundamental.

Investigar a educação de idosos enquanto notícia mostrou-se um caminho natural e lógico para a compreensão do tema. Afinal, o jornalismo é uma atividade atravessada por relações de poder e de grande impacto, atuando na

⁵ Educação de Jovens e Adultos.

⁶ Pnad Contínua 2017.

construção da vida em sociedade. Assim, é o influenciador e o influenciado pelas agendas políticas da sociedade em que se encontra inserido.

Este trabalho considerou-se a atividade jornalística, investigando suas características, alcance e limitações, até porque, o discurso jornalístico está associado a outros discursos, como o político e o educacional.

Oportuno se faz considerar que na produção de notícia os acontecimentos são o principal objeto da cobertura jornalística, sendo habitual e esperado noticiar acontecimentos extraordinários e imprevisíveis. Assim, o que é prioritariamente noticiado foge ao cotidiano, sendo as matérias temáticas relegadas a segundo plano, exceto em periódicos especializados em temas específicos.

O tema não tem o caráter extraordinário ou imprevisível dos acontecimentos, o que não significa que não possuam novidade e interesse para os leitores. O jornalismo impresso é o local privilegiado do tema.

O “envelhecimento” e a “educação” são temas importantes e atuais na sociedade brasileira, e, ainda que existam publicações especializadas em uma e em outra, não se localizou nenhuma que tenha a “educação de idosos” como temática principal de suas matérias.

Em face da inexistência de periódico especializado, o que se apurou em pesquisa prévia, optou-se por investigar a incidência de discussão do tema “educação de idosos” na revista “Veja” e no jornal “Folha de São Paulo”, periódicos de maior tiragem no país.

COMPREENDENDO O JORNALISMO E SEU PAPEL NA SOCIEDADE

O desenvolvimento das tecnologias de comunicação e a popularização do jornal no século XIX⁷ podem ser apontados como responsáveis pelas transformações nos modos de produção e distribuição da notícia. Tais transformações atribuíram aos meios de comunicação de massa uma função mediadora entre os indivíduos e tornaram a interação deles entre si e com o mundo mais complexa e dinâmica.

Nesse contexto, o jornalismo torna-se uma atividade privilegiada ou, na linguagem de Augusti (2005, p. 43), um “campo atravessado por relações de poder”, atuando ativamente na construção social, uma vez que, no exercício de sua função mediadora, se coloca como filtro entre a informação e o público.

Em sua obra, Benetti (2007, p. 37) define o jornalismo como um “campo de produção e circulação de sentidos, estruturado na relação entre sujeitos de uma comunidade discursiva”, e completa o registro afirmando ser o jornalismo, ao mesmo tempo, “efeito e produtor de sentidos”. É “efeito” à medida que “deriva da fala de indivíduos inseridos historicamente em seu tempo”, reproduzindo os discursos dominantes; mas também é “produtor de sentidos” à medida que tem o “poder de nomear, consagrando ou ocultando sujeitos, políticas, instituições, práticas e ideologias”.

Ao “produzir” e “criar” sentidos, estabelece uma relação de poder com aqueles que consomem o discurso – comunidade discursiva; que vem a ser um grupo de leitores que se reconhecem como iguais por compartilharem pensamentos, valores e desejos. Nesse sentido, oportuno se faz registrar a

⁷ No final do século XIX os jornais se popularizaram em conteúdo e custos, ficando mais interessantes e acessíveis pela população, que passou a consumi-los com regularidade. Antes, a leitura de jornais ficava restrita a um grupo intelectualizado de pessoas.

percepção de Augusti (2005, p. 49) para quem “o jornalismo funciona como um construtor de sentido de proximidade entre atores e processos sociais”, estando o jornalista autorizado a retratar e a comunidade discursiva capacitada a compreender a realidade noticiada.

A influência dos jornalistas sobre a comunidade discursiva é grande e não deve ser desprezada, pois, ao se inserir numa comunidade discursiva, “o indivíduo se reconhece como sujeito, e é a partir dos valores dessa comunidade que ele pode agir socialmente” (BENETTI, 2007, p. 40).

Daflon e Feres Júnior (2012) colocaram em evidência que os jornalistas, nas democracias modernas, atuam como os principais agentes de informação e análise social. De fato, os jornalistas atuam na construção de notícias e, ao fazê-lo, constroem uma realidade social, pois os discursos veiculados adquirem legitimidade quando proferidos pela mídia (SOUSA, 2012).

O discurso jornalístico estabelece critérios de relevância e normalidade para identificar o que é notícia. Nesse sentido, o trabalho jornalístico marca as fronteiras entre o normal e o anormal, o certo e o errado, o aceitável e o desviante, o legítimo e o ilegítimo. Atua na padronização dos indivíduos que integram a mesma comunidade discursiva, por meio de técnicas e estratégias de convencimento e persuasão (AUGUSTI, 2005). Como adverte Sousa (2012), uma vez veiculado na mídia, qualquer discurso adquire *status* de verdade e, muitas vezes, de verdade única e incontestável.

Nessa perspectiva, a disciplinarização da sociedade induz os sujeitos a não serem críticos, o que muitas vezes não se percebe. Por meio desses mecanismos, o poder presente na sociedade, seja instituição midiática, social ou política, é constantemente reelaborado, organizando-se de forma a adequar-se às condições em que é produzido. Em direção à docilidade, participam colégios, hospitais, organizações

militares, igreja, família, entre outras Instituições. É no micropoder que a disciplina se estabelece: há sempre lugares e regras a serem seguidas. Entre as Instituições, é necessário, hoje, ressaltar a mídia, que atua como “orientadora” e “formadora” de comportamentos. Assim, a sociedade contemporânea, cada vez mais, necessita de informações sobre os acontecimentos e, portanto, é inegável que os meios de comunicação têm uma influência enorme na sociedade. Os meios de comunicação constroem, produzem sentidos (e não apenas informam ou relatam fatos), tornando-se instrumentos de poder, capazes de influenciar a forma de pensar e agir em sociedade (SOUSA, 2012, p. 928).

Importante se faz a reflexão de que o jornalismo tem dois polos: o ideológico e o econômico. A notícia que, segundo Dias (1998), se consolida no gênero jornalístico através de informações sobre acontecimentos políticos e sociais relevantes em determinado tempo e lugar é tratada como serviço público no viés positivo ou ideológico e como mercadoria no viés econômico ou negativo. E o propósito de lucrar atua decisivamente sobre a perspectiva ideológica, diminuindo a ética na atuação do profissional da notícia (AUGUSTI, 2005).

Sobre o viés jornalístico e sua percepção pelos leitores, merece destaque o seguinte registro:

A cobertura frequente e o grande volume de informações veiculadas pela mídia, no entanto, fazem com que a audiência acumule impressões contraditórias e difusas acerca de um possível viés jornalístico. Como a mídia profere juízos, mas raramente se retrata, a produção incessante de notícias faz com que, no momento em que se esboça uma percepção desse viés, novos temas surjam para ofuscar e se sobrepor aos demais, o que afasta a relação entre meio e audiência de um modelo deliberativo clássico

em que o receptor formaria sua opinião após ser exaustivamente exposto aos vários ângulos e interpretações de uma determinada questão (DAFLON; FERES JR., 2012, p. 66).

Premido por interesses econômicos, o jornalista tem autonomia relativa, sendo o discurso que produz nem sempre objetivo e verdadeiro, o que justifica a afirmativa de que o texto jornalístico é um “jogo de imagens” que carrega a possibilidade de equívocos e manipulações. Isso porque, esse profissional está amparado em algumas ilusões, entre as quais se destacam o compromisso com a objetividade e com a verdade e o da não subordinação a interesses outros que desviam o jornalismo de retratar a realidade como ela de fato se apresenta, bem como o compromisso de que todos os temas sejam abordados com pluralidade de fontes e isenção (BENETTI, 2007; MANSO et al., 2018).

O contrato estabelecido entre jornalistas e leitores tem por base a informação verdadeira e atualizada, sendo o texto jornalístico uma construção social que tem na objetividade um guia para a ética profissional e, na linguagem, um eixo de produção de autoridade e legitimidade.

Embora contem com o jornalismo e seus profissionais para se manterem informados, os leitores “têm se tornado mais céticos em relação à imparcialidade da mídia nos últimos anos” (DAFLON; FERES JÚNIOR, 2012). Percebendo que nem sempre o discurso jornalístico permite visualizar suas condições de produção e os interesses que patrocinam, há, por muitos, a aceitação pragmática da notícia, o engajamento radical por alguns, o otimismo sustentado por outros e o pessimismo cínico por um contingente cada vez mais expressivo de leitores.

Nesse contexto, é importante destacar que nem mesmo a linguagem – operador instrumental do jornalismo – é neutra. Os sujeitos do campo jornalístico – jornalista e leitor – ocupam posição social, sendo necessário compartilhar

valores “como a confiança e o compromisso na informação ‘verdadeira’”. Assim, “assimilam uma isenção simbólica, natural, esquecendo-se de que, para além dos procedimentos normativos da cultura jornalística, há escolhas outras, como as de ordem da linguagem” (SCHWAAB; TAVARES, 2009, p. 185).

Ao considerar a objetividade no processo criativo e de divulgação da notícia, Souza (2012, p. 927) anuncia a neutralidade e a imparcialidade como pressupostos da “boa prática jornalística”. Afirmando, porém, que no discurso jornalístico “os sentidos podem estar ocultos ou silenciados por meio de um processo de escolha, seleção e edição que vai nortear leitores segundo a visão seletiva dos interesses por trás dos processos de edição”.

A comunicação de massa e periódica tem como suporte tradicional os jornais e as revistas. Esses veículos de mídia atingem muitas pessoas, pois, além de chegarem à casa dos assinantes, na versão impressa ou *online*, são consumidos em outros espaços, como nas bibliotecas e, até mesmo, no expositor das bancas de jornal e revistas. Esse alcance e o impacto nas percepções do leitor justificam a atenção de pesquisadores das ciências sociais que, ao se dedicarem ao estudo de um tema, buscam investigar como este vem sendo tratado pela mídia para, assim, melhor entender as representações sociais acerca do objeto pesquisado.

VEÍCULOS DE INFORMAÇÃO ESCOLHIDOS

Tratam de duas publicações consolidadas no mercado de comunicação de massa brasileiro – Revista Veja e Jornal Folha de São Paulo –, pertencentes a grupos editoriais distintos, com periodicidade igualmente distinta e de grande tiragem no país. Em ambos os acontecimentos, têm papel preponderante sobre

o tema⁸. Schwaab e Tavares (2009) registram que o importante é não perder o vínculo com a atualidade, permanecendo a liberdade do veículo na escolha da pauta e no tipo de texto jornalístico a ser utilizado.

Segundo Dias (1998), o amadurecimento do jornalismo impresso se dá a partir das diferenças entre o discurso opinativo, informativo e interpretativo. O jornalismo informativo tem por objeto noticiar os acontecimentos, o interpretativo busca aprofundar a informação, contextualizando-a no tempo e no espaço, enquanto no jornalismo de opinião o principal é que o jornalista assuma uma posição a partir da notícia e busque convencer o leitor da correção e legitimidade de seus argumentos, trabalhando com ideias e valores.

As diferenças nas opções de discurso também foram consideradas na escolha dos veículos, sendo o discurso da revista *Veja* mais opinativo e o do jornal *Folha de São Paulo*, mais informativo.

VEJA: resgate histórico e características discursivas

Lançada em 11 de setembro de 1968, a revista *Veja*⁹ pertence a um grande conglomerado de mídia denominado Editora Abril. Idealizada pelo ítalo-americano Roberto Civita uma década antes, a revista de periodicidade semanal teve como referência as norte-americanas “*Look*” e “*Times*”. A demora entre a data da concepção da revista e de seu lançamento se justifica em razão da

⁸ Segundo Schwaab e Tavares (2009, p. 182), nas revistas brasileiras a presença temática é bastante relevante. Existem revistas especializadas que “nascem e vivem em vista de uma só temática e outras que, partindo de um nicho editorial (classe social, faixa etária ou gênero), elencam uma série de temas, respeitando algumas lógicas da segmentação cultural”.

⁹ Do lançamento até 1975, a revista era denominada “*Veja e leia*”, para que se diferenciasse da “*Look*” americana que, entre outras, lhe serviu de referência e inspiração. A “*Look*” foi retirada de circulação em 1975, possibilitando a alteração do nome da publicação brasileira, que deste então passou a se chamar *Veja*.

complexidade técnica e dos altos custos operacionais de produção e distribuição, tendo sido necessário à Editora Abril consolidar-se no mercado editorial de revistas brasileiro, ampliar seu parque gráfico para grandes tiragens semanais, construir um acervo técnico e de profissionais, além de captar os recursos necessários para viabilizar o empreendimento (VILLATA, 2002).

Segundo Daflon e Feres Júnior (2012, p. 71), ao longo desses 50 anos de história, a revista *Veja* sempre foi apresentada como um produto moderno e contextualizado, “um produto cultural em sintonia com o projeto de modernização do país”.

A modernidade associada à revista estende-se a seus leitores que, ao consumi-la, passam a integrar um grupo seletivo, e cada vez mais amplo, de pessoas privilegiadas, cultas e formadoras de opinião. Nesse sentido, o ato de consumir *Veja* “passou a ser sinônimo de adquirir uma parcela de modernidade, impressa em máquinas de última geração e elaborada conforme as concepções técnicas, mercadológicas e conceituais de revistas estrangeiras como a *Times* e *Newsweek*” (DAFLON; FERES JÚNIOR, 2012, p. 71).

O alcance e, por consequência, a influência de *Veja* cresceram ao longo dos anos, sendo a revista semanal com maior tiragem do país e a segunda maior do mundo, com mais de um milhão de exemplares em circulação, alcançando mais de seis milhões de leitores toda semana, em sua versão física e digital¹⁰.

Traçando um perfil dos leitores de *Veja*, constata-se um equilíbrio de gênero, sendo 51% homens e 49% mulheres. Desse conjunto, 55% integram as classes A e B, segundo dados atualizados da Editora Abril¹¹. Esses leitores, assinantes ou não, segundo a própria revista, “buscam conteúdo de qualidade,

¹⁰ Dados divulgados no *site* <www.publabril.abril.com.br>.

¹¹ Dados divulgados no *site* <www.publabril.abril.com.br>.

são formadores de opinião e consumidores em diversos segmentos”, corroborando a ideia de poder da publicação.

Na fala de Silva (2009), os leitores de *Veja* elegeram-na como representante da intelectualidade e porta-voz da verdade, dotando-a de legitimidade e de grande poder na formação de opiniões sobre os mais diversos assuntos da atualidade.

Pelos números que apresenta e por ser a revista mais consumida no país, *Veja* tem merecido a atenção de pesquisadores como Augusti (2005), Benetti (2002), Bueno e Oliveira Filha (2009), Daflon e Feres Jr. (2012), Hernandez (2004) e Villata (2002), sendo a capacidade de produção de sentidos e de formação de opinião a abordagem mais recorrente nos trabalhos que a utilizam como suporte.

Segundo Benetti (2007, p. 42), “*Veja* não se enquadra nos gêneros tradicionais de texto jornalístico, notadamente na distinção entre jornalismo informativo e opinativo. Embora carregado de informação, seu texto é fortemente permeado pela opinião (...)”. Essa mesma autora destaca a opção da revista pelo uso da ironia e do sarcasmo como recurso de desqualificação.

Também destacando a singularidade da publicação, tem-se o seguinte registro:

Veja não se encaixa nos gêneros tradicionais de texto jornalístico: seu principal atrativo para o público leitor de classe média é justamente o conjunto de fórmulas interpretativas ou frames que repórteres e editores elaboram em torno dos temas agendados pela mídia diária (DAFLON; FERES JÚNIOR, 2012, p. 71-72).

Augusti (2005, p. 79) destaca que a publicação tem “grande inserção e alto poder de repercussão”. Registra que ela se coloca como doadora de saber e poder aos seus leitores; com grande poder normatizador, cria tendências, elege

verdades e posicionamentos diante dos debates sociais, políticos e econômicos que são inseridos em sua pauta.

Esse poder de normatização é exercido à medida que Veja convence seu leitor de que o consumo da revista e a reprodução das opiniões nela veiculadas servirão de atalho para o sucesso e o reconhecimento, sendo uma espécie de manual do comportamento para aqueles que desejam ascender econômica e socialmente (PRADO, 2003).

FOLHA DE SÃO PAULO: resgate histórico e características discursivas

O jornal Folha de São Paulo, doravante denominado “Folha”, é um periódico de informação diário, cujo primeiro exemplar data de 1º de janeiro de 1960. É fruto da fusão de três jornais paulistas, a saber: “Folha da Noite”, periódico de 1921; “Folha da Manhã”, de 1925; e “Folha da Tarde”, de 1949, tendo, no acumulado, quase 100 anos de história.

Em 1984, posicionou-se favoravelmente ao movimento das “Diretas já”, tornando-se o jornal mais popular entre os leitores. À época com o *slogan* “vende mais porque é melhor”, consolidou-se como o jornal de maior circulação no Brasil. Tem tiragem diária de 326.573 exemplares, consumida por seus assinantes e por leitores avulsos, segundo dados de maio/2018 divulgados pelo IVC¹².

A “Folha” é um jornal contemporâneo, que decide sua pauta em atenção ao ineditismo, à atualidade e à relevância das notícias. Segundo Moreira (2006, p. 70), o periódico “declara fazer um jornalismo moderno, crítico, analítico, especializado, de serviço, plural e apartidário”.

¹²Entidade brasileira sem fins lucrativos, que tem por objetivo fornecer dados isentos e detalhados sobre comunicação no país. Sua auditoria contempla plataformas múltiplas de mídia, incluindo tráfego *web*, além da circulação e distribuição de publicações, eventos e mídia *out of home*.

Há um equilíbrio de gênero entre os leitores do jornal “Folha”, sendo 50% homens e 50% mulheres. Desse conjunto, 48% têm renda mensal igual ou superior a 8,8 mil reais, integrando, portanto, as classes A e B. No que se refere à escolaridade, o jornal conta com 80% de leitores com nível superior, 15% com nível médio e apenas 4% com nível fundamental de ensino¹³. Isso demonstra a elitização de sua comunidade discursiva, uma vez que metade dos brasileiros não avançou seus estudos para além do ensino fundamental¹⁴.

A “Folha” se autodeclara um veículo de informação independente, sem viés ideológico. Seu discurso transita entre o opinativo e o informativo, com maior destaque para este último, sendo relevante instrumento de análise já utilizado em trabalhos científicos, como os de Moraes et al. (2014), Moreira (2006) e Mota e Capelato (1981).

METODOLOGIA

Para a consecução do objetivo proposto, qual seja investigar a educação de idosos enquanto notícia na mídia impressa¹⁵, elegeram-se a revista Veja e o jornal Folha de São Paulo por serem os principais veículos de informação do país. Acredita-se que, por constituírem periódicos de maior tiragem nacional, eles têm maior alcance entre os veículos de mídia impressa e, por consequência, maior influência sobre a percepção de seus leitores.

Este estudo teve como objetivo investigar a educação de idosos enquanto notícia veiculada pela revista Veja e pelo jornal Folha de São Paulo. Para alcançar

¹³Dados obtidos em: <<http://arte.folha.uol.com.br/poder/2016/10/09/perfil-leitor-folha/index.html?w=620&h=500>>. Acesso em: jul. 2018.

¹⁴ Dados da PNAD Continuada de 2017.

¹⁵ Termo técnico que compreende, entre outros, os veículos de mídia periódica mais comuns, quais sejam jornais e revistas.

o objetivo proposto, empreendeu-se uma pesquisa aos acervos digitais¹⁶ dos periódicos investigados, sendo relevante destacar que o acervo da “Folha” é gratuito¹⁷ e o da Veja, restrito a assinantes.

A pesquisa nos dois veículos compreendeu um período aproximado de cinco anos, de 1º de janeiro de 2013 a 1º de junho de 2018. Inicialmente, cogitou-se a respeito de um período menor, contudo a escassez de material indicou a necessidade de ampliar a abrangência do período pesquisado. O termo inicial, qual seja, 1º de janeiro de 2013, se justifica à medida que nesse ano se comemoraram os 10 anos da Lei nº 10.741 – Estatuto do Idoso¹⁸, constituindo importante fato para desencadear notícias e matérias temáticas acerca dos direitos da pessoa idosa no Brasil. O termo final coincide com a data de realização da pesquisa.

Após a seleção dos artigos, foi feita uma leitura exploratória e seletiva para a escolha do material que se adequava aos objetivos deste estudo: leitura analítica e análise dos textos, finalizando com a realização de leitura interpretativa e redação.

VEJA

Na seleção do “*corpus* de análise”, considerou-se como unidade de texto qualquer matéria, independentemente do tamanho ou da seção em que foi veiculada, desde que nela fossem citados os seguintes termos ou expressões de

¹⁶ Disponíveis em: <<http://acervo.veja.com.br> e <http://acervo.folha.com.br>>. Acesso em: jul. 2018.

¹⁷ A pesquisa pode ser feita por qualquer pessoa, independentemente de assinatura, mas a leitura está limitada a 10 matérias por mês para não assinantes.

¹⁸ A Lei nº 10.741 foi publicada em 3 de outubro de 2003, com *vacatio legis* de 90 dias, isto é, só adquiriu vigência em 1º de janeiro de 2004.

busca: "idoso e educação", "envelhecimento e educação", "terceira idade", "idoso universitário", "inclusão digital" e "universidades abertas à terceira idade".

Os instrumentos de busca não se mostraram confiáveis para associação de palavras ou expressões, razão pela qual não foi possível conjugar os termos de busca utilizados com outros afetos à educação, como escola, faculdade, ensino, universidade ou formatura. Assim, sem a possibilidade de associar termos e expressões, foram encontradas muitas matérias estranhas ao universo pesquisado, nas quais os termos de busca eram utilizados com conotação diversa ou para qualificarem objetos, pessoas individualmente consideradas, animais, entre outras. Também foram excluídas da amostra matérias de cunho previdenciário por não atenderem ao objetivo proposto, pois se buscavam matérias que abordassem a educação de idosos.

Os textos encontrados na revista Veja foram identificados por título, autor, edição, data e assunto.

FOLHA DE SÃO PAULO

O acervo digital da "Folha" compreende as matérias veiculadas nos três jornais do mesmo grupo editorial: "Folha de São Paulo", "Folha da Manhã" e "Folha da Noite", sendo possível selecionar o veículo desejado para a pesquisa.

Diferente da revista Veja, o acervo digital da "Folha" conta com uma opção de "busca avançada", sendo possível pesquisar "todas as palavras", "qualquer uma destas palavras", "exatamente esta frase" ou "nenhuma destas palavras".

O recorte temporal foi o mesmo, do dia 1º de janeiro de 2013 a 1º de junho de 2018. Utilizou-se o recurso de pesquisar "todas as palavras", sendo considerada como unidade de texto qualquer matéria, independentemente do tamanho ou da seção em que foi veiculada, desde que nelas fossem citadas as

seguintes expressões de busca “idoso educação”, “envelhecimento educação”, “terceira idade educação”, “idoso escola”, “envelhecimento escola”, “terceira idade escola”, “idoso formatura”, “envelhecimento formatura” e “terceira idade formatura”.

Também neste acervo foram encontradas muitas matérias “estranhas”¹⁹ ao universo pesquisado, tendo sido excluídas da amostra matérias de cunho previdenciário por não atenderem ao objetivo proposto, pois se buscavam matérias que tratassem da educação de idosos.

Os textos foram identificados por título, autor, data e assunto.

ARTIGOS ENCONTRADOS

Para melhor compreensão dos resultados, optou-se por separá-los em função do periódico em que foram veiculados.

VEJA

O *corpus* de análise foi escolhido por mencionar as expressões de busca já apresentadas, excluídos os textos em que os termos foram empregados de forma dissociada, não se propondo informar ou discutir aspectos da educação da pessoa idosa. Os dados obtidos após a triagem permitiram contabilizar dois artigos que traziam relação direta entre as temáticas “envelhecimento” e “educação”.

No Quadro 1, têm-se os artigos encontrados na Veja.

¹⁹ Foram categorizadas como “estranhas” as matérias que tratavam de coisas ou instituições, mas não de pessoas vivenciando o envelhecimento.

Quadro 1 – Textos encontrados na Veja

Título	Autor	Edição	Data	Assunto
É tempo de se conectar	Talissa Monteiro	2498	05/10/2016	Tecnologia/Educação
Eu me sinto mais jovem	Mabi Barros	2576	04/04/2018	Educação/Comportamento

Não foram localizados artigos com os outros termos ou expressões de busca que passassem pelos filtros anteriormente anunciados.

FOLHA DE SÃO PAULO

Da mesma forma, o *corpus* de análise foi escolhido por mencionar as expressões de busca já apresentadas, excluídos os textos em que os termos foram empregados de forma dissociada, não se propondo informar ou discutir aspectos da educação da pessoa idosa. Os dados obtidos após a triagem permitiram contabilizar três artigos que traziam relação direta entre as temáticas “envelhecimento” e “educação”. No Quadro 2, têm-se os artigos encontrados.

Quadro 2 – Textos do jornal “Folha de São Paulo”

Título	Autor	Data	Assunto
--------	-------	------	---------

Uso de celular e rede social prolonga a saúde mental de idosos	Ana Estela de Souza Pinto	21/04/2018	Comportamento/Tecnologia/Educação
Carreira longa leva brasileiros com mais de 40 anos de volta à escola	Érica Fraga Ana Estela de Souza Pinto	01/04/2018.	Educação
Aulas para idosos propõem manter corpo e mente ativos;	Amada Massuela	16/08/2015	Educação/Comportamento

confira

dicas

Não foram localizados artigos com os outros termos ou expressões de busca que passassem pelos filtros anteriormente anunciados.

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Tendo por base os termos e expressões de busca e usando os filtros já apresentados, o resultado final compreende cinco textos que relacionam as temáticas “envelhecimento” e “educação”, sendo dois oriundos da revista *Veja* e três do jornal *Folha de São Paulo*.

Esperava-se um número reduzido de publicações, pois, via de regra, as temáticas associadas ao idoso são ligadas a deficiências, limitações, problemas de saúde e Previdência Social. Cumpre registrar que, nos dois veículos de maior tiragem da imprensa escrita brasileira, grande parte dos artigos encontrados abordavam o problema previdenciário brasileiro e a saúde pública. Esses textos não foram analisados, por não estarem de acordo com o propósito da pesquisa.

Sendo a educação instrumento de inclusão e promoção do ser humano, era previsível que não estivesse associada ao idoso – estigmatizado como decrépito, inútil ou incapaz. Ainda que raramente se diga, o fato é que a pessoa idosa ainda é estereotipada na sociedade brasileira, e sua ausência nos textos jornalísticos de *Veja* e *Folha de São Paulo* corrobora tal afirmativa.

Existe pressão social para que, em cada fase da vida, seja adotado um modelo comportamental “adequado”, segundo as regras sociais vigentes. Essa padronização comportamental gera o que Neri (2001) denomina “idade social”,

que compreende “o grau de adequação demonstrado pelos sujeitos em relação aos papéis sociais idealizados para pessoas da sua mesma faixa etária que compartilhem da mesma cultura, gênero, classe social e momento histórico” (TEIXEIRA et al., 2015, p. 507).

Do idoso, esperam-se a inatividade, a lentidão, a debilidade, a apatia e a improdutividade, que são comportamentos sociais que não correspondem à realidade de grande número de pessoas acima dos 60 anos de idade, mas que representam uma visão preconceituosa da velhice.

Essas visões são distorcidas, limitantes e nocivas, pois apresentam uma imagem deteriorada e distorcida do sujeito e, no caso específico do idoso, desconsideram a heterogeneidade do processo de envelhecimento (LOPES, 2006).

Estando a educação, sobretudo a escolarizada, associada à infância e à juventude, não há lugar para a discussão sobre o idoso enquanto cidadão detentor do direito à educação, o que não justifica, mas explica, a ausência constatada de temas envolvendo envelhecimento e educação nas páginas da Veja e da Folha de São Paulo.

Augusti (2005) aponta como valores dominantes em Veja: saúde, prazer, beleza e inteligência, sendo a sabedoria um valor residual. O estereótipo do idoso não atende aos valores dominantes da publicação e, ainda que haja consenso de que o Brasil está envelhecendo rapidamente e que os idosos brasileiros estão, cada vez mais, em busca de ampliar sua formação escolar, essa não é uma temática compatível e interessante para a revista.

Pacheco (2015) noticia a existência de duas teorias que refletem o pensamento excludente em relação aos idosos: a Teoria do Desengajamento e a da Modernização. A primeira data de 1961 e foi formulada entendendo por modernidade o processo de industrialização. Essa teoria sugere que, à medida

que o idoso se aproxima do final da vida, ele deve ser segregado de seus pares, porque as limitações ditadas pelo envelhecimento não podem atrapalhar o desenvolvimento humano, que exige rapidez, eficiência e produtividade.

A Teoria da Modernização foi concebida a partir dos trabalhos de Cowgill e Holmes, em 1972. Segundo seus defensores, os velhos têm baixo *status* social, pois, diante da dinâmica do processo produtivo, eles se tornam obsoletos e desvalorizados.

A partir dessas reflexões, Pacheco (2015, p. 232) conclui: “a educação obrigatória proporciona aos mais jovens maior escolaridade, aumentando a probabilidade de estes estarem mais bem capacitados que os mais velhos”. E quando os velhos “teimam” em desempenhar comportamentos sociais “incompatíveis” com a sua idade, eles são criticados e ainda mais excluídos e ridicularizados.

Apesar das críticas que receberam, essas teorias exercem grande influência sobre o pensamento da sociedade contemporânea, que continua percebendo a velhice como maldição e o velho como estorvo. Acredita-se que o reduzido número de reportagens encontradas corroboram essas teorias, valores e interesses reproduzidos por esses importantes veículos do jornalismo impresso brasileiro.

Os artigos foram separados segundo os seguintes critérios: educação recreativa e educação formal de idosos.

EDUCAÇÃO RECREATIVA

No texto **“É tempo de se conectar”**²⁰, a jornalista Talissa Monteiro apresenta uma visão otimista e atualizada acerca do envelhecimento. Com o subtítulo “Redes sociais, aplicativos, *gadgets*: as novas tecnologias têm sido cada vez mais usadas por idosos que, com elas, se tornam produtivos – e saudáveis”. Talissa chama a atenção do leitor para a importância da tecnologia no cotidiano dos idosos, ressaltando a redução nos índices de solidão e depressão entre aqueles que se valem do *Facebook*, do *Skype*, do *Tinder* e do *WhatsApp* para se relacionarem com familiares, parceiros(as) afetivos(as), amigos novos e antigos.

A matéria registra iniciativas como da jornalista Regina Ramoska, que, percebendo as necessidades dos pais idosos, idealizou um curso presencial e gratuito para ensinar idosos a se manterem conectados. O texto fala de educação digital e dos benefícios de estar conectado.

Por derradeiro, a matéria dá voz a dois idosos que destacaram a satisfação de se manterem socialmente ativos através do domínio e utilização efetiva das novas tecnologias, ressaltando a ideia de prazer e de que o número de idosos inseridos no mundo digital é crescente, segundo dados do IBGE.

A mesma mensagem está contida no texto **“Uso de celular e rede social prolonga saúde mental de idosos”**²¹. O relato tem início a partir da experiência da professora Magali Rossini, que dá aulas para 126 idosos, buscando inseri-los no mundo digital. Além de apontar os ganhos em qualidade de vida, em razão de maior engajamento social e, conseqüentemente, da autoestima e da independência, destaca a importância da utilização das TICs²² para manter a capacidade cognitiva do pessoal da terceira idade. O texto registra que muitos idosos procuram conhecer as novas tecnologias para aproveitá-las

²⁰ Revista Veja, edição 2498, de 15 de outubro de 2016.

²¹ Jornal Folha de São Paulo de 21 de abril de 2018.

²² Tecnologias da Informação e Comunicação.

profissionalmente, de maneira a se manterem ou se reinserirem no mercado de trabalho.

O coordenador da Universidade Aberta à Terceira Idade (UNATI), da USP, afirma que o interesse por cursos de informática é crescente e os idosos, apesar de uma apreensão inicial, têm se adaptado bem às aulas e contribuído com suas experiências de vida, à medida que se mostram participativos e enriquecem as aulas.

Sobre a relação do idoso com as novas tecnologias, têm-se as reflexões de Gonçalves (2007, p. 57), entre as quais se destacam: "os idosos de hoje provêm de uma educação do 'não mexa aí que vai quebrar'", "cresceram tendo de, ao usar um equipamento, fazer parte de seu sistema operacional". Isso porque as tarefas "tecnológicas" de "seu tempo" demandavam conhecimento prévio, paciência e compreensão; não eram tarefas automatizadas.

Diante de uma nova realidade tecnológica, dinâmica, diversificada e automatizada, tem-se um idoso perplexo, sendo necessário romper com os padrões que nortearam sua formação para se adequar às novas tecnologias.

Stepansky (2007, p. 77) entende como problemática a convivência entre os idosos e a sociedade informatizada. Afirma que o uso das novas tecnologias tem impactos no sistema de produção de bens e serviços, na linguagem utilizada e, por consequência, nos comportamentos. Salaria que os idosos estão fora do processo produtivo e que "o mercado socializa, educa, reeduca, mas apenas a quem interessa para a produção e o consumo", deixando a entender que os idosos não estão entre os indivíduos que interessam.

Corroborando as matérias encontradas, Gonçalves (2007) registra a crescente procura de idosos por cursos de informática, sobretudo nas Universidades Abertas à Terceira Idade, mas adverte sobre a necessidade de identificar o que está por trás dessa motivação e dá pistas no sentido de que cada

vez mais não se trata de uma simples recreação ou de uma opção para usar o “tempo livre”, mas um caminho para não ser marginalizado ou excluído.

Ao saber utilizar um computador e acessar a Internet, o sujeito passa a estar incluído em uma nova realidade que possibilita o acesso a múltiplos bens (entretenimento, informação, serviços, correspondência,..) que no mundo real estariam atrelados a dificuldades para serem encontrados, em virtude de fatores como a distância, o custo, a disponibilidade de tempo. Assim, a inclusão digital permite igualar as condições de acessibilidade a tais benefícios de interesse, como também a própria busca pelo conhecimento (GOULART; FERREIRA, 2012, p. 24).

Em **“Aulas para idosos propõem manter corpo e mente ativos; confira dicas”**²³, Amanda Massuela noticia aulas de capoeira, curso de redes sociais, ioga, *tai chi chuan*, aulas de bicicleta, convivência entre épocas, oficina de flauta, pintura e dança, além dos cursos da Universidade Aberta à Terceira Idade (UNATI). Todas essas iniciativas de educação recreativa ou não formal são direcionadas a idosos e oferecidas de forma gratuita, com o objetivo de contribuir para o envelhecimento ativo na cidade de São Paulo.

EDUCAÇÃO FORMAL DE IDOSOS

Em **“Eu me sinto mais jovem”**²⁴, Carlos Augusto Manço dá um depoimento à jornalista Mabi Barros. Entusiasmado, o idoso conta detalhes de sua nova rotina, a de estudante de Arquitetura em uma faculdade paulista. O acadêmico, que recebeu dos veteranos o apelido de “juventude”, narra uma história de superação,

²³ Jornal Folha de São Paulo de 16 de agosto de 2015.

²⁴ Revista Veja, edição 2576, de 4 de abril de 2018.

resiliência e determinação. Técnico em Desenho, conta que sempre sonhou em fazer faculdade de Arquitetura, mas teve que protelar o sonho para atender às necessidades pessoais e familiares.

Carlos mostra-se confiante, comprometido com a formação superior tão sonhada e se diz rejuvenescido pelo convívio com colegas de turma e professores. No depoimento, não relata planos para o futuro distante, talvez porque, no alto de seus 90 anos, já tenha aprendido a valorizar o presente, vivendo um dia de cada vez.

No artigo **“Carreira longa leva brasileiros com mais de 40 anos de volta à escola”**²⁵, as jornalistas Érica Fraga e Ana Elisa de Sousa Pinto partem do argumento de que o envelhecimento não deve ser visto como barreira para a continuidade do trabalho e nem para a busca de maior escolaridade. Seja por necessidade, seja por prazer, os idosos têm alçado “voos educacionais”.

Uma pesquisa, desenvolvida a partir dos dados da PNAD 2017²⁶, revelou que os brasileiros têm buscado melhorar sua formação educacional à medida que envelhecem e que essa é uma tendência que vem se intensificando graças ao efeito positivo do aumento da escolaridade sobre a renda.

O economista Menezes Filho argumenta que os brasileiros estão ficando mais velhos e “buscando se educar mais”, pois percebem que precisaram trabalhar mais, uma vez que o Sistema Previdenciário terá que alterar suas regras de maneira a se manter.

Stepansky (2007, p. 73) afirma que “uma ‘revolução silenciosa’ está mudando a face das populações do mundo”. Tal revolução consiste no crescente número de longevos; trata-se de uma conquista social, à medida que reflete melhores condições de vida, mas tende a se tornar um grande problema social

²⁵ Jornal Folha de São Paulo de 1º de abril de 2018.

²⁶ Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios.

se não houver preparação e planejamento para os países envelhecidos. Isso porque a inversão da pirâmide etária deve ser acompanhada de alterações na política previdenciária e nas leis trabalhistas, de maneira a possibilitar a manutenção ou a reinserção dos idosos no mercado de trabalho.

Nesse contexto, mostra-se relevante pensar no idoso enquanto sujeito de direitos, entre os quais o direito à educação, pois, ao acessar esse direito, outros lhe serão facilitados.

Esta mudança no modo de pensar e de verem-se como articuladores da construção do conhecimento está possibilitando a retomada da contribuição de pessoas com mais de sessenta anos para a melhoria e o enriquecimento das condições e relações culturais dentro da sociedade. Mesmo assim, o ensino voltado para idosos ainda é um assunto que socialmente causa estranheza em razão de estereótipos construídos de forma cultural (FERREIRA; SILVA, 2012, p. 36).

Assim, mais do que aprender a usar as mídias sociais e os *smartphones*, aprender um novo idioma ou, simplesmente, a ler e a escrever, muitos idosos dedicam-se a “voos educacionais” mais altos, desejam aprender um novo ofício, uma nova profissão e, para tanto, retornam ou ocupam, pela primeira vez, os bancos escolares em instituições públicas e privadas no país.

Aprender algo novo demanda tempo e investimento, além do estabelecimento de projetos de vida que contemplem uma visão de futuro, ainda que seja um futuro próximo.

Entre os benefícios gerados pela ação educativa está o empoderamento do idoso, que se compreende enquanto sujeito de direitos e capaz de lutar pela concretização desses benefícios, sendo essa compreensão fundamental para o desenvolvimento humano. De fato, ao compreender e interpretar o mundo que

o rodeia, o idoso “passa a construir e aprimorar a consciência de suas relações interpessoais através de maior aquisição e reconhecimento de direitos e do cumprimento de deveres”, somados a novos sentimentos, valores e percepções de sua própria competência (FERREIRA; SILVA, 2012, p. 30).

Oportunizar aos idosos o acesso à educação formal e escolarizada é, sem dúvida, excelente opção para o enfrentamento dos desafios impostos a uma sociedade envelhecida, à medida que permite ao sujeito que envelhece manter, adquirir e aprimorar competências e habilidades.

CONCLUSÃO

Os textos apresentados percebem a velhice como uma construção social. Neles há uma proposta de ressignificação do envelhecer, pois colocam em evidência a capacidade de aprendizado, o interesse dos idosos pelas novas tecnologias e o desejo destes em se manterem autônomos, independentes e ativos.

No entanto, percebe-se uma escassez de narrativas que se proponham promover a pessoa idosa, mudando os estereótipos. O silêncio dos periódicos de maior circulação no país acerca do crescimento da demanda de educação formal e informal pelos idosos brasileiros reafirma a manutenção de rótulos e a resistência ou indiferença à necessidade política, econômica e social de se ressignificar a velhice num país de velhos.

É necessário que a imprensa esteja atenta e capacitada para acompanhar o avanço dos idosos, bem como que haja, por parte dos meios de comunicação, uma disposição em contribuir para melhorar a qualidade de vida dos cidadãos envelhecidos.

Ao propor investigar a educação de idosos enquanto notícia na revista *Veja* e no jornal *Folha de São Paulo*, este estudo contribuiu para uma reflexão crítica acerca do papel da mídia e, sobretudo, dos interesses que estão na pauta dos assuntos a serem noticiados. Acredita-se no poder desses veículos de mídia na construção dos valores e nas necessidades da sociedade brasileira, sendo relevante qualquer contribuição acadêmica que se proponha investigá-los de forma crítica.

Por derradeiro, como o registrado na apresentação da metodologia, esta pesquisa não se propôs investigar o impacto das notícias sobre os indivíduos idosos nem nos não idosos leitores dos periódicos escolhidos, sendo essa uma sugestão para futuras contribuições.

REFERÊNCIAS

ALVES, S.; MOREIRA, C. F.; NOGUEIRA, S. Relações sociais, estereótipos e envelhecimento. *Actas de Gerontologia*, Porto, v. 1, n. 1, p. 1-11, 2013.

AUGUSTI, A. R. **Jornalismo e comportamento**: os valores presentes no discurso da revista *Veja*. 2005. 182 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

BENETTI, M. A ironia como estratégia discursiva da Revista *Veja*. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 18., 2007, Curitiba. *Anais...* Curitiba, 2007.

BIZELLI, M. H. S. S. et al. Informática para a Terceira idade: características de um curso bem sucedido. *Rev. Ciênc. Ext.*, v. 5, n. 2, p. 4-14, 2009.

BUENO, M. S.; OLIVEIRA FILHA, E. A. Revista *Veja* e a terceira idade. In: CONGRESSO BRASILEIRO DA CIÊNCIA DA COMUNICAÇÃO, 32., 2009, Curitiba. *Anais...* Curitiba, set. 2009.

CARVALHO, C. J. A.; ASSUNÇÃO, R. C.; BOCCHIL, S. C. M. Percepção dos profissionais que atuam na estratégia de saúde da família quanto á assistência

prestada aos idosos: revisão integrada da literatura. **Revista de Saúde Coletiva**, v. 20, n. 4, p. 1307-1324, 2010.

DAFLON, V. T.; FERES JR., J. Ação afirmativa na revista *Veja*: estratégias editoriais e o enquadramento do debate público. **Revista Compólitica**, n. 2, v. 2, jul./dez. 2012.

DIAS, P. R. et al. Gêneros e formatos na comunicação massiva periodística: um estudo do jornal "Folha de S. Paulo" e da revista "Veja". In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 1988, Recife. **Anais...** Recife, 1988.

ERMEL, R. C.; FRACOLLI, L. A. O trabalho das enfermeiras no programa de saúde da família em Marília/SP. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 40, n. 4, p. 1-11, 2006.

FERREIRA, A. J.; SILVA, R. F. D. da. Uma leitura da educação e do ensino. In: FERREIRA, A. J. et al. **Educação e envelhecimento**. Porto Alegre, 2012.

GONÇALVES, Z. C. O novo mundo do passa cartões e aperta botões. In: NEGREIROS, T. C. G. M. **A nova velhice**: uma visão multidisciplinar. 2. ed. Rio de Janeiro: Reviver, 2007.

GOULART, D.; FERREIRA, A. J. Aprendizagem digital de idosos. In: FERREIRA, A. J. et al. **Educação e envelhecimento**. Porto Alegre, 2012.

KACHAR, V. Envelhecimento e perspectivas de inclusão digital. **Revista Kairós Gerontologia**, v. 62, n. 3, p. 368-371, 2009.

LIMA, C. A.; TOCANTINS, F. R. Necessidades de saúde do idoso: perspectiva para a enfermagem. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 62, n. 3, p. 368- 371, 2009.

LOPES, A. Velhice, heterogeneidade e a dança dos esquisitos. In: GUSMÃO, N. M. M.; SIMSON, O. R. M. (Org.). **Velhice e diferenças na vida contemporânea**. Campinas, SP: Alínea, 2006.

MARTINS, J. J. et al. Políticas públicas de atenção à saúde do idoso: reflexão acerca da capacitação dos profissionais da saúde para o cuidado com o idoso. **Rev. Bras. Geriatr. e Gerontol.**, 2007.

MANSO, M. E. G.; MELLO, R. G. R. DE; LOPES, R. G. DA C. Mídias digitais e as

invisíveis violências contra idosos. **Revista Observatório**, v. 4, n. 2, p. 265-278, 1 abr. 2018.

MORAIS, I. et al. Jornais Folha de São Paulo e Correio Braziliense: o que dizem sobre o Programa Mais Médicos? **Rev. esc. enferm., USP**, n. 48(Spec. 2), p. 107-115, 2014.

MOREIRA, F. B. **Os valores-notícia no jornalismo impresso**: análise das 'características substantivas' das notícias nos jornais Folha de São Paulo, O Estado de São Paulo e O Globo. 2018. 157 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

MOTA, C. G.; CAPELATO, M. H. **História da Folha de S. Paulo**: 1921-1981. São Paulo: IMPRESS, 1981.

MOTTA, L. B.; AGUIAR, A. C. Novas competências profissionais em saúde e o envelhecimento populacional brasileiro: integralidade, interdisciplinaridade e intersetorialidade. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 12, n. 2, p. 363-372, 2016.

NERI, A. L.; FREIRE, S. A. Qual a idade da velhice? In: _____. (Org.). **E por falar em boa velhice**. Campinas, SP: Papyrus, 2000. p. 7-19.

PACHECO, J. L. As universidades abertas à terceira idade como espaço de convivência entre gerações. In: SIMSON, O. R. M.; NERI, A. L.; CACHONI, M. (Org.). **As múltiplas faces da velhice no Brasil**. 3. ed. Campinas, SP: Alínea, 2015.

PRADO, J. L. A. O perfil dos vencedores em Veja. **Revista Fronteira: estudos midiáticos**, São Leopoldo, RS, v. 5, n. 2, dez. 2003.

SCHWAAB, R. T.; TAVARES, F. M. B. O tema como operador de sentidos no jornalismo de revista. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 18, p. 180-193, dez. 2009.

SILVEIRA, M. M. Educação e inclusão digital para idosos. **CINTED-UFRGS – Novas Tecnologias na Educação**, v. 8, n. 2, jul. 2010.

SOUSA, C. P. M. Discurso e mídia: as relações de poder nas/das revistas. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 41, n. 3, p. 926-935, set.-dez. 2012.

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2019v5n6p473>

STEPANSKY, D. A revolução das imagens: a velhice na mídia. In: NEGREIROS, T. C. G. M. **A nova velhice**: uma visão multidisciplinar. 2. ed. Rio de Janeiro: Reviver, 2007.

TEIXEIRA, S. M. O. Reflexões acerca do estigma do envelhecer na terceira idade. *Estud. Interdiscipl. Envelhement.* Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 503-513, 2015.

REFERÊNCIAS DO *CORPUS*

ALLEGRETTE, F. Envelhecer no século XXI. *Veja*, 23, mar. 2016.

BARROS, M. Eu me sinto mais jovem. *Veja*, 4 abr. 2018.

COLLUCCI, C. Brasil cada vez mais idoso exige rapidez adaptação em políticas públicas. *Folha de São Paulo*, 24 abr. 2018.

FRAGA, E.; PINTO, A. E. S. Carreira longa leva brasileiros com mais de 40 anos de volta à escola. *Folha de São Paulo*, 1º abr. 2018.

MASSUELA, A. Aulas para idosos propõem manter corpo e mente ativos; confira dicas. *Folha de São Paulo*, 8 ago. 2015.

MONTENEGRO, T. É tempo de se conectar. *Veja*, 5 out. 2016.

PINTO, A. E. S. Brasil cada vez mais idoso exige rapidez adaptação em políticas públicas. *Folha de São Paulo*, 21 abr. 2018.